



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 04 | N°. 07 | Ano 2023

ANDRÉ PASCOAL GASPAR

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

FLUXO MIGRATÓRIO DE ESTUDANTES AFRICANOS NO INTERIOR DA BAHIA: POSSÍVEIS TRANSFORMAÇÕES NO OLHAR DO FRANCISCANO SOBRE O AFRICANO

**MIGRATORY FLOW OF AFRICAN STUDENTS IN THE
INTERIOR OF BAHIA: POSSIBLE TRANSFORMATIONS IN
THE FRANCISCAN VIEW OF THE AFRICAN**

RESUMO: Este estudo tem como objetivo investigar a forma como os estudantes africanos são percebidos e tratados atualmente pelos moradores de São Francisco do Conde, município localizado no Recôncavo baiano. Focalizando nas transformações ocorridas entre os anos de 2014 e 2021, período que coincide com o início das atividades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) na região, o artigo examina as percepções dos moradores locais em relação aos estudantes estrangeiros. A análise é baseada em uma abordagem autoetnográfica e nos relatos de estudantes veteranos, bem como em estudos que abordam o estranhamento e os estereótipos associados ao continente africano na cidade. O objetivo é compreender como os estudantes africanos são atualmente vistos e tratados neste município.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes Africanos; Estudantes Universitários de/em São Francisco do Conde (BA); Etnologia de São Francisco do Conde (BA); Estudantes da UNILAB

ABSTRACT: This study aims to investigate how African students are currently perceived and treated by the residents of São Francisco do Conde, a municipality located in the Recôncavo region of Bahia. Focusing on the transformations that have taken place between 2014 and 2021, a period that coincides with the beginning of activities of the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB) in the region, the article examines the perceptions of local residents regarding foreign students. The analysis is based on an autoethnographic approach and the accounts of veteran students, as well as studies addressing the estrangement and stereotypes associated with the African continent in the city. The goal is to understand how African students are currently viewed and treated in this municipality.

KEY WORDS: African Students; Ethnology - São Francisco do Conde (BA); Students UNILAB - São Francisco do Conde (BA)

FLUXO MIGRATÓRIO DE ESTUDANTES AFRICANOS NO INTERIOR DA BAHIA: POSSÍVEIS TRANSFORMAÇÕES NO OLHAR DO FRANCISCANO SOBRE O AFRICANO

ANDRÉ PASCOAL GASPAR ¹

INTRODUÇÃO

É evidente o fluxo populacional em todas as sociedades do mundo, impulsionado pela busca de objetivos, pois aqueles que o fazem acreditam ser possível alcançá-los em outros lugares com realidades distintas de suas origens. Dessa forma, vários estudantes africanos migram de seus países de origem para buscar formação acadêmica e oportunidades profissionais em outros países. Jovens deixam suas famílias em busca da realização de seus sonhos. Assim, podemos considerar que a migração “hoje não se refere à substituição de quadros coloniais, mas sim à formação de quadros em busca da consolidação interna e externa dos Estados-nação, na busca de um espaço na divisão internacional” (GUSMÃO, 2012, p.17).

O Brasil, por meio da cooperação Sul-Sul que engloba os países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), recebe estudantes dessas regiões desde 2011, através da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com destino aos estados da Bahia e do Ceará, onde estão localizados os *campi* da universidade. Na Bahia, o campus dos Malês, situado no município de São Francisco do Conde, recebe estudantes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, além de estudantes brasileiros de diversas partes do país.

Com o início das aulas dos cursos de graduação presencial em 2014, o campus, assim como a cidade de São Francisco do Conde, recebeu inicialmente um total de 55 estudantes, sendo um de nacionalidade angolana, cinco de Cabo Verde, quarenta e sete guineenses, um moçambicano e um são-tomense (BENDO, 2016). Apesar das diferenças, todos os estudantes eram frequentemente chamados de angolanos, pois para muitos residentes de São Francisco do Conde, a África é um país, com Angola sendo sua capital. Bendo (2016) também observa que a chegada dos estudantes africanos revelou o olhar dos moradores locais sobre eles, principalmente com relação ao lugar de onde vieram e como chegaram ao Brasil, baseando-se numa percepção exotizada do continente africano.

No ano de 2018, no mês de junho, iniciei meus estudos na UNILAB. Naquele mesmo ano, vários estudantes veteranos relatavam que, apesar de já estarem no município há três anos, não eram facilmente identificados como africanos e podiam, portanto, integrar-se à comunidade

¹ Graduando do curso de Bacharelado em Humanidades pela UNILAB. Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração. andelsongaspar@gmail.com

local e serem vistos como parte dela. Entretanto, quando sua identidade africana era percebida, eles notavam um tratamento e olhar diferenciados por parte dos moradores locais, influenciados por estereótipos sobre a África e os africanos, associando-os à pobreza, fome e falta de capacitação. Com base em uma análise autoetnográfica e nos relatos de muitos estudantes veteranos, além de trabalhos acadêmicos que abordam a questão do estranhamento e dos estereótipos sobre o continente africano em São Francisco do Conde, busco compreender como nós, estudantes africanos, somos percebidos e tratados nos dias atuais, visando identificar se ainda persistem o estranhamento e, caso existam, como se manifestam.

Dessa forma, busquei investigar se houve alguma mudança na forma como os habitantes da região enxergam os estudantes africanos durante os sete anos de nossa presença como residentes ou temporários na cidade de São Francisco do Conde. A pesquisa apresentada foi conduzida principalmente por meio de entrevistas abertas realizadas com estudantes africanos e moradores locais, mas ganhou significado e relevância por meio das minhas próprias experiências como estudante africano no Brasil.

A SAÍDA DOS ESTUDANTES AFRICANOS DOS PAÍSES DE ORIGEM

A dispersão de africanos pelo mundo é motivada por uma variedade de razões, alguma pessoais e outras coletivas. No entanto, para os estudantes africanos da UNILAB, essa mobilidade é bastante singular, pois, embora a trajetória de cada um seja particular, todos são impulsionados pelo mesmo desejo: a busca por uma formação diferenciada e de qualidade. Isso se deve ao fato de que os países africanos de língua oficial portuguesa têm características semelhantes no que diz respeito à educação, especialmente no ensino superior.

A presença de universidades públicas nesses países ainda é relativamente baixa, o que torna o acesso difícil, ao contrário das universidades públicas no Brasil, onde o ingresso é totalmente gratuito. De acordo com Rolim (2020), entre os países do PALOP, Cabo Verde é uma exceção devido ao expressivo crescimento na taxa de matrícula entre 2003 e 2018, em comparação com a situação geral na África. Um ponto comum para a entrada nas universidades públicas nesses países é a realização de provas de admissão, um processo que ocorre anualmente, exigindo que os candidatos realizem exames em cada uma das universidades que desejam frequentar. Além disso, é importante destacar que a realização dessas provas geralmente requer o pagamento de uma taxa, o que muitas vezes impossibilita o acesso para estudantes cuja realidade socioeconômica não permite.

A estudante cabo verdiana Lenira Gonçalves relata que nunca teve a intenção de deixar seu país para buscar formação acadêmica, mas se viu obrigada a fazê-lo devido à falta de

condições econômicas para ingressar e permanecer em uma instituição pública, já que em seu país, tanto nas universidades públicas quanto nas privadas, são cobradas mensalidades. Ela compartilha os motivos que a levaram a emigrar de seu país:

A condição em que eu observava a minha família, especialmente a minha mãe, me motivava a ter uma vida melhor, pois vivíamos sob constante dificuldade em diversas vertentes. Ainda muito pequena, recordo que aquela realidade me deixava abismada e almejava ver a minha família em situações melhores. Minha mãe tinha um emprego, porém o salário não era suficiente para suprir as demandas em casa e ainda menos para responder as necessidades como pagar as mensalidades das universidades caboverdianas, pois em Cabo Verde, há universidades públicas e privadas, porém em qualquer das instituições de ensino, se deve pagar um valor mensal para o acesso e permanência da(o) discente. Existem várias discrepâncias entre as universidades no Brasil e em Cabo Verde, sendo uma delas, referencio o fator mensalidade, visto que no Brasil, as instituições públicas são gratuitas, enquanto que em Cabo Verde não são. Recordo que, na época em que eu fui concorrer, o valor mensal era equivalente ao salário mínimo, evidentemente que, minha mãe, assim como muitas famílias caboverdianas, não obtém recursos para o acesso à universidade pública.²

A realidade vivenciada por Lenira reflete a de grande parte dos estudantes africanos que ingressam na UNILAB, oriundos de famílias com baixa renda e experiência em áreas periféricas. Esses jovens são impulsionados não apenas pelas condições socioeconômicas desfavoráveis, mas também pelo reconhecimento da qualidade do ensino oferecido em países desenvolvidos e em desenvolvimento, tanto pelo governo quanto pelas instituições de trabalho de seus países de origem, como é o caso de Angola. Muitos jovens angolanos percebem que estudar fora do país não apenas oferece uma educação de melhor qualidade, mas também proporciona mais oportunidades de emprego. Essa realidade só é perceptível para aqueles que a enfrentam, pois, assim como no Brasil, em Angola a desigualdade social é evidente e o Estado parece não conseguir combatê-la.

Além disso, é possível acrescentar à análise anterior a percepção, entre os jovens africanos, de que obter um diploma universitário no exterior confere prestígio social. Por esse motivo, muitos estudantes africanos dos PALOP optam por emigrar em busca de uma educação diferenciada, mesmo enfrentando os desafios e as experiências de estudar em outro país, como a adaptação a uma nova cultura, o domínio de uma variação linguística diferente, a assimilação dos comportamentos da população local e outras questões desafiadoras que surgem durante esse primeiro contato.

² Mais informações da lei de criação disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12289.htm.

A UNILAB E AS IDEIAS SOBRE ÁFRICA

Como mencionado anteriormente, o Brasil mantém uma relação de cooperação com o continente africano através da chamada cooperação sul-sul. No contexto da educação superior, essa cooperação foi iniciada durante o mandato do ex-presidente Lula e é direcionada aos países africanos de língua oficial portuguesa, visando que o Brasil possa compensar o que ele considera uma "dívida histórica", decorrente do processo de escravização dos negros africanos trazidos para o Brasil. Em uma entrevista ao site de notícias G1 em julho de 2010, Lula declarou que o Brasil tem um compromisso político de auxiliar os países africanos, e que essa assistência será prestada através da solidariedade.

O Brasil tem compromissos políticos de ajudar o continente africano a se desenvolver. O Brasil tem dívida histórica com os africanos, e nós achamos como essa dívida não pode ser paga com dinheiro. Ela é paga com solidariedade, com gestos políticos e com ajuda”, disse Lula durante o programa desta segunda-feira.³

Nesse cenário, a UNILAB foi instituída pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, que apresentou o modelo da universidade em 25 de julho, durante a 7ª Conferência de Chefes de Estado e Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), realizada em Lisboa. Antes disso, Lula havia encaminhado o projeto de Lei nº 3.891 ao Congresso Nacional, com o objetivo de criar a universidade.⁴

De acordo com a sua lei de fundação, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira tem como propósito oferecer cursos de ensino superior, realizar pesquisas em diversas áreas de conhecimento e promover atividades de extensão universitária. Sua missão institucional específica é formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, especialmente os países africanos, além de promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional.

Localizada inicialmente no nordeste do Brasil, no Maciço de Baturité, estado do Ceará, nas cidades de Redenção e Acarape, e posteriormente no Recôncavo baiano, estado da Bahia, na cidade de São Francisco do Conde, a universidade iniciou suas atividades acadêmicas em 25 de maio de 2011. No ano seguinte, ocorreu a inauguração do Campus da Liberdade em Redenção/CE, em julho, a inauguração da Unidade Acadêmica dos Palmares em Acarape/CE, e em maio de 2014, a inauguração do Campus dos Malês em São Francisco do Conde/BA.

³ LENIRA MENDES MONTEIRO GONÇALVES, cabo-verdiana, mestranda em Estudos Feministas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, entrevistada no dia 16 de julho de 2021.

Segundo o último censo populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), São Francisco do Conde é a região metropolitana de Salvador com a maior proporção de população negra (superior a 90%), estimada em 31.699 habitantes na época, com uma atualização mais recente (2020) indicando um crescimento para 40.245 habitantes.

O Campus dos Malês ocupa uma área cedida pela prefeitura de São Francisco do Conde, com 2.710m² de extensão. Embora os prédios oficiais da universidade ainda estejam em construção, o espaço atual conta com uma estrutura de dois pavimentos, incluindo 10 salas de aula, laboratório de informática, auditório para 120 pessoas, rampa de acessibilidade ao pavimento superior, enfermaria, restaurante universitário, biblioteca, banheiros adaptados para deficientes, quadra poliesportiva coberta e área administrativa. As atividades acadêmicas do campus começaram em fevereiro de 2013, com cursos de graduação e pós-graduação a distância (EAD), e as aulas dos cursos de graduação presenciais iniciaram em maio de 2014.

A inauguração da universidade em 12 de maio de 2014 foi marcada pela participação significativa da comunidade franciscana, com a ex-reitora Nilma Lino Gomes enfatizando a natureza pública da UNILAB e seu interesse na integração entre os moradores locais e os estudantes africanos. Durante o evento inaugural do campus em São Francisco do Conde, o ex-presidente Lula reiterou o compromisso do Brasil com o continente africano, dizendo:

Durante séculos, a África perdeu parte de sua juventude para ser escrava em vários países do mundo. Tomei consciência de que a dívida do Brasil com a África era de tamanha magnitude que ela teria que ser paga com solidariedade e com reconhecimento de que foi a mistura de negros, índios e europeus que transformou o Brasil nesta coisa bonita e alegre que é. Então, achei que uma das formas de contribuir seria criar uma universidade em que pudéssemos trazer para cá jovens africanos, formá-los profissionalmente e devolvê-los ao seu país para que ajudasse a África a dar o salto de qualidade que tanto precisa dar.⁵

Desempenhando seu papel de promover a integração entre os moradores de São Francisco do Conde e os estudantes africanos, a UNILAB tem incentivado a comunidade local por meio de cursos de extensão e eventos culturais. Essas iniciativas não apenas são divulgadas no site oficial da universidade, mas também na página oficial da cidade, facilitando a interação e o intercâmbio de conhecimentos entre esses dois grupos populacionais e estimulando a participação de estudantes locais nos cursos de graduação presencial. No entanto, a adesão desses estudantes tem sido historicamente limitada.

Além das atividades acadêmicas regulares, a universidade realiza anualmente diversos eventos, incluindo a Semana da África, que ocorreu pela primeira vez de 22 a 25 de maio de

⁴ LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA, *Café com Presidente*, G1, 12/07/2010.

⁵ Aula inaugural na UNILAB, LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA, *Assecom/Unilab*, 12/05/2014.

2015, sob a organização da Associação dos Estudantes e Amigos da África (ASEA). O propósito desse evento é proporcionar reflexões sobre o continente africano. No entanto, é comum observar uma maior participação de estudantes africanos nessas celebrações.

A CHEGADA DOS ESTUDANTES AFRICANOS EM SÃO FRANCISCO DO CONDE

Com a inauguração do Campus dos Malês em São Francisco do Conde, o município passou a receber, desde 2014, diversos estudantes africanos provenientes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, geralmente em duas ocasiões a cada ano. Ao chegarmos em São Francisco do Conde, passamos por processos de adaptação e ajuste. Passamos a ter mais cautela com nossa linguagem e o uso de certas palavras que podem ter significados diferentes no português brasileiro. Os homens evitam vestir roupas cor de rosa, tomamos cuidado ao elogiar alguém para não sermos mal interpretados, evitamos encarar os policiais diretamente e não respondemos de forma desafiadora. Também somos mais cuidadosos ao usar o celular na rua, entre outras precauções.

A partir dessas adaptações, surgem inúmeros choques e diferenças culturais que tornam nossa estadia e adaptação como estudantes e recém-chegados desafiadoras, uma vez que surge a sensação de não pertencimento e estranhamento em relação a este local, devido ao fato de que, nos contextos sociais e de convivência em nossos países de origem, esses elementos funcionam de maneira completamente diferente. Como relatado por Eliseu, estudante angolano:

Tive e ainda tenho muita dificuldade em lidar com muitos, tanto é que evito conversar muito com brasileiros porque sei que vai haver dificuldade de percepção, pois muitos mantêm idealizado que não entendem o modo como os africanos falam. Tive dificuldades em me adaptar com o clima da cidade, chover em tempo de frio e de calor ao mesmo tempo não acontece em Angola. ⁶

Segundo Gusmão (2012), o processo migratório internacional em que estamos inseridos é reconhecido como uma migração temporária e especial, já que, como estudantes, nos deslocamos de nosso espaço nativo em busca de formação em outro lugar. A autora também destaca que, diante desse processo migratório, o indivíduo é motivado por diversos fatores, especialmente pela realidade encontrada nos países para os quais imigram, não apenas por questões econômicas, como é comum em outros contextos migratórios, denominados pela autora como migração tradicional. Pessoalmente, não senti um choque ao chegar em São Francisco do Conde, pois não criei expectativas que não estivessem relacionadas à minha formação e também tive o

⁶ ELISEU GABRIEL VÍCTOR, estudante angolano, entrevistado no dia 04 de maio de 2021.

privilégio de ser informado por um amigo que já estava na região antes da minha chegada, sobre a realidade local. Porém, Langa (2012) afirma:

Os imigrantes africanos saem de seus respectivos países com expectativas acadêmicas em relação ao Brasil, um país em desenvolvimento, com experiência e enorme produção acadêmica, alimentando esperanças de facilidades de inserção por conta de uma língua e culturas em comum – a língua portuguesa, a culinária, a religiosidade e a cultura negra, trazidas pelos escravos. Chegados ao Brasil, os imigrantes africanos enfrentam diversos desafios, particularmente, as dificuldades econômicas devido ao elevado custo de vida desta metrópole e a discriminação racial em graus e formas distintas das encontradas em nas suas terras de origem (LANGA, 2012, p.4).

No artigo em questão, o autor explora a diáspora africana no estado do Ceará, investigando as interações e representações que surgem entre os cearenses e os imigrantes africanos. Esse contexto é marcado pelo preconceito racial e pelas dificuldades econômicas enfrentadas por esses imigrantes. Essas situações são comuns em todo o Brasil onde há presença de migrantes africanos ou negros de outras regiões, como o Haiti, por exemplo. Ser migrante no Brasil é um desafio significativo, especialmente para nós, estudantes africanos, que muitas vezes começamos a refletir e discutir sobre questões raciais após nossa chegada ao território brasileiro.

Eu cresci em um bairro chamado Angolano, no município de Cazenga, em Luanda, e durante minha infância tinha amigos com tons de pele mais claros e outros mais escuros. Como qualquer criança, nosso cotidiano era permeado por brigas e desentendimentos diários que resultaram em discussões. Nessas situações, os que tinham pele mais escura chamavam os de pele mais clara de “mulato-kanga-massa”, enquanto estes retrucavam chamando os de pele mais escura de “escuribaba” ou “mbumbu”. Essas expressões eram consideradas insultuosas devido à sua conexão com questões de cor da pele.

Isso nos preocupava bastante, especialmente porque tínhamos referências, na época, da telenovela brasileira “Xica da Silva”, onde a subordinação do homem negro ao homem branco como escravo era retratada. Os meninos mais claros se sentiam incomodados porque, enquanto se referiam aos amigos de pele mais escura como “contratador” ou “capitão More” (personagens da novela, os donos dos escravos), estes retrucavam dizendo que, por terem a pele mais clara, eram frágeis e qualquer toque em seus corpos deixaria marcas facilmente. Gusmão (2012) afirma:

a migração temporária e especial de estudantes africanos é aqui considerada como processo social [...]. São eles, parte de um contingente que carrega trajetórias e expectativas diversas, contudo são todos agentes de um duplo processo: o da internacionalização das realidades africanas e brasileiras; e, sujeitos cujo processo de circulação traz à tona, os processos de cooperação entre países e nações que, a um só tempo, incidem diretamente naquilo que são

como indivíduos sociais e coletivos, inseridos num campo de tensão cultural e política, individual e coletiva (GUSMÃO, 2012, p.19).

Nesse contexto, mesmo considerando que São Francisco do Conde seja uma cidade com uma população predominantemente negra, alguns de nós não nos sentimos totalmente identificados, pois enfrentamos duas grandes questões: a identidade negra e a identidade africana. Essa dualidade ainda gera muita estranheza e preconceito em relação a nós e ao continente africano por parte de alguns franciscanos. Conforme relatado por muitos estudantes veteranos, há alguns anos, a identificação deles não era imediata, o que lhes permitia passar pela comunidade como parte dela. Entretanto, aos olhos dos moradores locais, essa identificação sempre foi feita facilmente, embora não como africanos, mas sim como pessoas que não pertencem originalmente ao município, devido à capacidade da população de discernir quem é nativo.

Consigo identificar um africano, porque apesar de São Francisco do Conde ter pessoas negras, são pessoas negras que no conhecimento já sabemos quem é, então por notificar as pessoas até com um andar diferente, uma gíria diferente, o modo de manejar as mãos diferente sabemos identificar que não é da cidade pelo fato de sfc ser uma cidade pequena, esse é um potencial da gente saber quem é diferente.⁷

Nos primeiros anos da presença da UNILAB no município, os primeiros estudantes enfrentaram diversas situações desconfortáveis relacionadas ao preconceito, especialmente em relação à imagem de uma África selvagem. De acordo com relatos de alguns colegas, muitos franciscanos os questionavam sobre se as pessoas na África dormiam em cima de árvores, se tinham carros, se a viagem dos estudantes africanos para o Brasil tinha sido feita de barco ou se na África realmente existiam aviões, entre outras questões. Essas perguntas constrangedoras afetavam os estudantes, no entanto, para muitos de nós que chegamos posteriormente, a situação foi menos desconfortável, pois não fomos surpreendidos por esse tipo de questionamento, já que os estudantes que enfrentaram esses episódios se dispuseram a nos informar sobre o assunto, preparando-nos para lidar e controlar nossas reações diante disso. Portanto, atualmente, mesmo que essas situações ocorram, os estudantes africanos não mais se sentem constrangidos; em certo sentido, isso reflete um processo de desconstrução que está ocorrendo, embora de forma gradual.

A ÁFRICA E O AFRICANO PARA O FRANCISCANO

⁷ VIVALDO JUNIOR, treinador de futebol, franciscano, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2021.

Por muito tempo, os estudantes africanos se queixaram dos franciscanos que se referiam ao continente africano como um país, onde Angola seria a sua capital. Nesse sentido, é válido questionar o que é ensinado aos estudantes brasileiros/franciscanos nas instituições de ensino, especialmente quando se trata do continente africano. Em São Francisco do Conde, ainda existem pessoas desinformadas e que mantêm pensamentos estereotipados sobre a África. Este é um processo de desconstrução de preconceitos em relação ao continente africano que muitos ainda carregam, apesar da presença da UNILAB e dos estudantes africanos. No entanto, também há muitos franciscanos que, por cultivarem amizades com estudantes internacionais, mudaram suas percepções sobre a África e os africanos. Para esses, a África já não é vista como um país, e nem todos os estudantes são mais automaticamente identificados como angolanos.

Durante esses sete anos, a presença dos estudantes africanos trouxe mudanças significativas. Apesar das transformações, muitos nativos ainda desconhecem a diversidade de nacionalidades entre os estudantes africanos, alimentando o estranhamento sobre eles. Por exemplo, quando os nativos veem os estudantes conversando entre si, às vezes perguntam se eles aprenderam a falar português no Brasil, presumindo que todos os africanos falam crioulo.

Touraine argumenta que nenhuma sociedade moderna aberta às trocas e mudanças tem uma unidade cultural completa, e as culturas estão em constante transformação ao interpretar novas experiências. Durante as entrevistas, a maioria dos franciscanos ainda abordava a África como se fosse um país, não um continente. Isso destaca a importância da discussão sobre essa temática nas instituições de ensino para construir a cidadania, identidade e consciência do brasileiro.

Muitos franciscanos ainda desconhecem o verdadeiro motivo da vinda dos africanos para sua cidade. Alguns acreditam que os africanos vieram em busca de melhores condições de vida, enquanto outros veem os africanos como privilegiados que supostamente tiraram o lugar dos locais na universidade. Essas percepções equivocadas sobre a presença dos africanos na UNILAB persistem entre alguns moradores, reforçando a ideia de que a universidade é exclusivamente para os africanos. A professora Valmira, franciscana de 34 anos, expressa sua visão sobre o continente africano e os africanos durante a entrevista:

Eu penso que as pessoas tentaram por muito tempo mostrar a África de uma forma África sofrida, pobre, uma África de uma certa forma insignificante, nas escolas e mídias só mostram aquele lado sofrido e que sabemos que não existe só na África, existe no Brasil e em todos os países só que de uma forma camuflada, mas existe. Eu penso que vocês são resilientes, vocês têm força de vontade de crescer e de absorver conhecimento, vocês transferem conhecimento, tem muita gente que aprende muita coisa com vocês. Só quem

tem proximidade com pessoa que veio da África tem prioridade para falar algumas coisas.⁸

O contato entre o continente africano e o Brasil, especialmente o território baiano, remonta ao período colonial e de escravização, que desempenhou um papel fundamental na formação do país. No entanto, a chegada dos estudantes africanos à cidade tem trazido diversas contribuições para a população local. Essas contribuições vão além do aspecto cultural, abrangendo também a disseminação de conhecimento sobre os africanos, a África e suas raízes de maneira geral.

Os estudantes africanos têm proporcionado uma maior compreensão dos hábitos e costumes africanos através de seus diálogos com os nativos, o que tem suscitado dúvidas e curiosidades sobre o continente. Além disso, sua presença tem impactado o comércio local e a vida financeira de algumas pessoas, como destacado pela professora Valmira. Essa interação tem sido benéfica para ambos os lados, promovendo uma maior diversidade cultural e enriquecendo o tecido social da comunidade. Podemos perceber alguns desses pontos na fala da professora Valmira:

Sendo sincera, a vinda dos africanos teve um impacto bastante significativo para mim financeiramente e no conhecimento. Hoje eu tenho amizade com algumas pessoas que são da África, aprendo muito na troca de conhecimento com os estudantes africanos que eu aluguei minha casa, quando eles queriam falar alguma coisa que só dizia respeito à eles, eles falavam na língua deles, eu ficava curiosa e perguntava para um deles que mais falava comigo “está falando mal de quem que você não quer que eu saiba?” e aí ele dizia: nada não dona Valmira, e as vezes me explicavam do que estavam falando.⁹

Atualmente, a cidade de São Francisco do Conde abriga um número significativo de estudantes africanos, ultrapassando os 200, todos eles vivendo em casas alugadas. Isso indica um crescimento considerável no mercado de aluguel de imóveis no município, com muitas pessoas optando por alugar para os estudantes africanos. Para alguns proprietários, essa preferência se deve ao fato de terem suas propriedades alugadas para esses estudantes por longos períodos, sem a necessidade de procurar outros locatários.

No entanto, há também aqueles que preferem não alugar para africanos devido ao que percebem como um estilo de vida de “república”, ou seja, os estudantes tendem a viver em grupos de quatro ou mais pessoas. Essas pessoas temem que um maior número de ocupantes possa resultar em danos à propriedade. No entanto, essas interações durante o processo de

⁸ VALMIRA, professora franciscana, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2021.

⁹ VALMIRA, professora franciscana, entrevista realizada no dia 07 de maio de 2021.

locação estão começando a mudar a perspectiva dessas pessoas, que, durante as negociações ou em conversas informais, mostram interesse em conhecer a história dos estudantes.

É importante ressaltar que essa divisão na percepção dos franciscanos em relação aos africanos não é generalizada. O modo como os nativos enxergam os africanos varia de acordo com o conhecimento ou desconhecimento que cada indivíduo tem sobre a África e os africanos. Alguns possuem informações complexas sobre o continente, outros têm noções superficiais baseadas em estereótipos, e há ainda aqueles que preferem não se envolver com essa questão.

Um dos estudantes africanos entrevistados relatou ter ficado surpreso ao conversar com dois membros de sua igreja sobre a África, cada um expressando percepções diferentes. Enquanto um deles demonstrou um conhecimento significativo sobre o continente africano, o outro tinha uma visão mais estereotipada e exótica. Essa experiência mudou a percepção do estudante em relação aos franciscanos, destacando a diversidade de opiniões e conhecimentos dentro da comunidade local. Conta ele:

Num certo dia, tive encontro com um irmão de igreja e no meio da nossa conversa sobre África eu falei que comparando o lugar onde eu nasci SFC é um gueto, ele todo assustado disse não pode, você nasceu na África, então peguei algumas imagens que tenho do meu aniversário e mostrei. A primeira questão dele foi: tem asfalto? e posteriormente questionou sobre os prédios. Então entendi que ele tem uma ideia que todo africano vive nas aldeias e convivem com os animais, segundo o que ele me contou é que isso tem a ver com o ensino que teve e não aprendeu muita coisa sobre África muito menos que é um continente com 54 países, e no final agradeceu por ter ampliado seu conhecimento sobre o continente. Existe também um outro irmão de igreja que tem mais conhecimento que eu sobre África, numa certa conversa ele demonstrou saber quais são os países da África Austral e muito mais, me senti perdido com o tanto de informação que ele tinha e acabei aprendendo muito com ele, daí percebi que não posso generalizar o povo franciscano pois nem todos são desinformados.¹⁰

O preconceito e o estranhamento são duas categorias de análise epistemológica que surgem como resultado das desigualdades existentes na sociedade. O preconceito se manifesta como uma ideia preconcebida sobre uma pessoa ou grupo, sem que haja qualquer motivo ou informação substancial para isso. Quando esse preconceito resulta em ações que impedem ou promovem um tratamento injusto para esse grupo ou pessoa, ele se transforma em discriminação. No entanto, essa construção preconceituosa pode ser desconstruída à medida que se conhece a verdadeira história desses grupos ou indivíduos.

Conforme aponta Munanga (2010), há diversos tipos de preconceitos originados das diferenças percebidas entre nós e os outros. Essas diferenças contribuem para as práticas de discriminação e para a formação de pensamentos que as alimentam:

A lista das diferenças pode ser indefinidamente ampliada para mostrar que existem tanto preconceitos quanto diferenças nas sociedades humanas. Quem de nós pode negar que nunca foi objeto e sujeito de preconceito em sua vida? É por isso que se diz que os preconceitos são universais, pois não existe sociedade sem preconceito e não há preconceito sem sociedade. Nem por isso devemos naturalizar os preconceitos, pois são fenômenos culturais produzidos pela sociedade na qual eles têm uma certa função (MUNANGA, 2010, p.6).

O olhar dos franciscanos é fundamentado no preconceito, estranhamento e, em alguns casos, no desconhecimento. No entanto, não estamos discutindo aqui especificamente o preconceito racial ou a discriminação racial. Trata-se, contudo, de um dos diversos tipos de preconceito identificados por Kabengele Munanga, que aborda a construção ideológica de alguns franciscanos que não se preocupam em conhecer a história dos africanos residentes na cidade. Dessa forma, percebe-se que estamos lidando com um preconceito étnico ou cultural, considerando-se os dois territórios, África e Brasil. Esse preconceito reflete uma visão etnocêntrica por parte dessas pessoas, que orbita em torno dos africanos, porém de maneira distinta do olhar franciscano, manifestando-se como uma forma de resistência e preservação das culturas africanas.

O etnocentrismo dos franciscanos geralmente é percebido pelos africanos quando estes participam das manifestações culturais, hábitos e costumes dos estudantes africanos. Existe uma compreensão desse fenômeno quando nos reunimos para eventos sociais, pois é evidente o desconforto de alguns nativos, que, na maioria das vezes, afirmam que tais manifestações apenas causam tumulto, enquanto os estudantes africanos as encaram como parte intrínseca de suas tradições festivas. Munanga (2010) define etnia como:

[...] um conjunto de indivíduos que possuem em comum um ancestral, um território geográfico, uma língua, uma história, uma religião e uma cultura. Colocando-se numa posição etnocêntrica, seus membros desenvolvem preconceitos étnicos ou culturais quando manifestam tendência em valorizar sua cultura, visão do mundo, religião, etc. e em menosprezar as de outras etnias que consideram inferiores (MUNANGA, 2010, p. 5).

Conforme Laraia (1997), o etnocentrismo provoca diversas hostilidades sociais, uma vez que o indivíduo, como detentor da produção cultural, interpreta o mundo a partir de sua própria cultura e acredita que seu modo de vida seja o mais natural e correto. Como já mencionado anteriormente, estamos considerando apenas uma parte da população franciscana, e não sua totalidade. Apesar das preocupações de algumas pessoas, há aquelas que, embora em número não significativo, estão dispostas a compreender nossas manifestações culturais e aprender com

¹⁰ ELISEU GABRIEL VÍCTOR, estudante angolano, entrevista realizada no dia 04 de maio de 2021.

elas, questionando assim o conceito de relativismo cultural. O relativismo cultural é um fenômeno oposto ao etnocentrismo, pois valoriza as diversas formas culturais, reconhecendo que estas variam de um lugar para outro. Portanto, cada cultura possui suas peculiaridades e, por isso, o relativismo cultural preconiza que todas as culturas devem ser vistas como válidas e de igual valor aos olhos do homem.

Segundo Laraia (1997), o homem é considerado um ser essencialmente cultural, que precisa realizar determinadas funções vitais, as quais, embora comuns, diferem de uma cultura para outra. No entanto, seu comportamento não é determinado pelo determinismo biológico, uma vez que suas ações e pensamentos são influenciados pelo processo de aprendizado ao qual está submetido. Dessa forma, pode-se afirmar que há uma percepção diferenciada perpetuada pela construção da África pelos franciscanos, visível não apenas em relação à religiosidade africana concebida no Brasil, como o Candomblé e a Umbanda, mas também à religiosidade dos africanos que vêm para São Francisco do Conde por meio da UNILAB e frequentam as igrejas da cidade, assim como os muçulmanos. Isso é evidenciado pelo relato do estudante Israel Mawete sobre a existência desses elementos:

Nós dentro das igrejas, na Assembleia de Deus e em qualquer lugar somos vistos com um olhar diferenciado. A gente consegue ver quando se vai à igreja, as pessoas pensam que o modo africano de adorar é só dançar, cantar músicas mexidas e enfim, então entende-se que ainda existe esses elementos.¹¹

No entanto, em espaços de lazer e esportes, algumas pessoas adotam atitudes xenofóbicas. Isso é uma experiência frequentemente vivenciada quando ocupamos a quadra poliesportiva na orla: somos solicitados a encerrar o jogo com pressa e às vezes até mesmo é estipulado um tempo limite. Por muito tempo, pensamos que isso fosse um procedimento comum, pois assim como nós, os franciscanos também mereciam jogar. No entanto, percebemos que quando a situação era inversa e éramos nós que estávamos jogando, a quadra não era liberada até que decidíssemos encerrar nosso jogo. Logo, compreendemos que a solicitação para liberar a quadra ocorria apenas quando partia dos nativos em direção aos africanos, nunca entre os próprios nativos. Conforme Pozza (2016), as práticas xenofóbicas ocorrem quando o migrante é percebido como o “outro” em um determinado território, através da ideia absoluta de ordem.

[...] o (ir)raciocínio que se desenvolve segue esse entendimento, guiado pela razão metonímica, em que aquele que ocupa a zona do ser entende que, naquele território que ele denomina como seu, o migrante só pode estar nele se aceitar subjugar-se frente às suas práticas, normalmente ocidentais, que operam como dominantes (POZZA, 2016, p. 5).

¹¹ ISRAEL MAWETE, estudante angolano, entrevista realizada no dia 30 de junho de 2021.

Ao comparar a situação dos africanos residentes em São Francisco do Conde com outras cidades do Brasil, observa-se que os desafios diários para alcançar os objetivos não diferem muito, pois como migrantes, enfrentamos lutas constantes e árduas. Devido a ser um município com uma população majoritariamente negra, não enfrentamos problemas de preconceito racial dentro do município, embora isso não se aplique a todos, pois alguns de nós nos sentimos melhor acolhidos. No entanto, a rotina é bastante diferente daquela em Fortaleza, conforme observado por Langa:

No cotidiano em Fortaleza, os africanos percebem a dificuldade dos brasileiros em chamá-los pelos nomes próprios e, assim como pelo fato de facilmente esquecerem-se de suas nacionalidades e nomes de seus países de origem, substituindo-os pela categoria nativa brasileira negão. Quando são visibilizados, são apresentados como indivíduos exóticos, tradicionais, polígamos, islâmicos, vestindo roupas coloridas, falantes de línguas estranhas, analfabetos, dentre outros estereótipos existentes (LANGA, 2012, p. 5).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto até agora, pode-se afirmar que ocorreram mudanças que alteraram a percepção de muitos habitantes de São Francisco do Conde em relação aos africanos residentes na cidade, desde a chegada da UNILAB. Embora não sejam mudanças amplamente disseminadas, as transformações ocorridas são caracterizadas pela aproximação entre essas pessoas e os estudantes africanos por meio de interações culturais e sociais cotidianas. Inicialmente, os primeiros contatos foram marcados por estranhamentos em relação à África e aos africanos, mas ao longo do tempo essas percepções foram sendo moldadas, ainda em processo contínuo, graças à integração dos estudantes no contexto da cidade e à construção de laços de afeto que possibilitam diálogos e trocas de informações com a comunidade local.

As primeiras impressões de muitos estudantes africanos antes de imigrar para o Brasil foram baseadas na ideia da mestiçagem, presumindo que não haveria dificuldades identitárias por serem negros em um país majoritariamente negro. No entanto, ao chegar, enfrentaram estranhamentos e tratamento diferenciado, o que os fez se sentir não identificados. Atualmente, ainda persiste o desafio de ser um migrante temporário e afirmar sua identidade não pertencente ao local. No entanto, alguns estudantes africanos já se sentem mais confortáveis na cidade à medida que passam a compreender as coisas a partir do contexto brasileiro e as dificuldades vão sendo superadas.

Conforme citado por Touraine (apud MUNANGA, 2015, p.22), embora o número não seja muito expressivo, o etnocentrismo dos habitantes de São Francisco do Conde tem sido

transformado, ainda que lentamente, havendo uma aceitação das manifestações culturais africanas por parte de um pequeno grupo de pessoas. Observa-se também que há um grande desconhecimento sobre a África e os africanos por parte da maioria, mas muitos já percebem a necessidade de desconstruir a generalização e visões homogêneas que existem sobre o continente, reconhecendo a diversidade de nacionalidades entre os estudantes africanos na cidade.

Embora muitos estudantes africanos se sintam parte da cidade ao longo do tempo e da convivência, ainda há resquícios de estranhamento, especialmente em locais onde a percepção exótica dos africanos persiste. No entanto, algumas pessoas já conseguem lidar melhor com essas diferenças. É notável que os estudantes africanos são facilmente reconhecidos pelos habitantes locais, não apenas pelas vestimentas e pela fala, mas também pelo estilo de vida e comportamento, que variam de acordo com a nacionalidade.

Em conclusão, houve algumas mudanças comportamentais significativas, mas ainda é necessário um trabalho contínuo para torná-las mais expressivas. Ainda existem olhares diferenciados que, dependendo da situação, podem gerar estranhamentos e preconceitos, indicando a necessidade de mais esforços na promoção da integração e compreensão mútua entre as diferentes comunidades em São Francisco do Conde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENDO, Margarida Duete Lourenço. **Estranhamento e convivência dos estudantes africanos em São Francisco do Conde**. Trabalho de Conclusão de Curso, Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, UNILAB, 2016.

DIÓGENES, Camila Gomes; AGUIAR, José Reginaldo. **UNILAB: Caminhos e Desafios Acadêmicos da Cooperação Sul-Sul**. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção: ED. UNILAB, 2013.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, v.45 n.2, p. 188-208, 2020.

GUSMÃO, Neusa M. M de. Africanos no Brasil hoje: imigrantes, refugiados e estudantes. **Revista Tomo**, nº 21, p. 13 – 36, 2012.

LANGA, N, B, Ercílio. Diáspora africana no Ceará: desafios diante da alteridade e ressignificações de identidades étnico-raciais. In: **Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH**, 6, 2012, Salvador, Anais Eletrônicos, Salvador: UFBA, 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Ltda, 1997.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20–31, 2015.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Panesp**, n. 12, p. 169-203, 2010.

POZZA, Natália Flores Dalla. O racismo e a xenofobia no fenômeno migratório analisados pela égide do pensamento colonial e a (in)atividade do poder público frente a essas práticas. **XII Seminário Nacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea**. UNISC, 2016.

ROLIM, Cassio. A Universidade nos PALOP: Que Espelho Mirar? Uma discussão tomando como exemplo a disciplina Economia Regional e Urbana. **Cadernos de Estudos Africanos**, n. 39, p. 133-160, 2020.

Fontes online

G1 - GLOBO. Brasil tem dívida histórica com a África, diz Lula. Política, 12 jul. 2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2010/07/brasil-tem-divida-historica-com-africa-diz-lula.html>. Acesso em 27 de maio de 2024.

IBGE, Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 08 de março de 2021.

MUNICÍPIO de São Francisco do Conde. Cidade-Brasil. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sao-francisco-do-conde.html>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

PREFEITURA de São Francisco do Conde. Disponível em: saofranciscodoconde.ba.gov.br. Acesso em 17 de julho de 2021.

Recebido em: 23/04/2023

Aprovado em: 09/06/2023